

DOI: 10.11606/issn.2525-3123.
gis.2024.230774

EDITORIAL

Vol. 9, n. 1 (2024)

SYLVIA CAIUBY NOVAES¹

ORCID
<https://orcid.org/0000-0002-7415-2010>

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil, 05508 010 –
fla@usp.br

ANDREA BARBOSA

ORCID
<https://orcid.org/0000-0003-0399-8171>

Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, SP, Brasil, 07252-
312 – contato@visurb-unifesp.com.br

EDGAR TEODORO DA CUNHA

ORCID
<https://orcid.org/0000-0001-9749-6126>

Universidade Estadual Paulista, Araraquara, SP, Brasil, 14800-
901 – apf.fclar@unesp.br

ÉRICA GIESBRECHT²

ORCID
<http://orcid.org/0000-0003-4134-9543>

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil, 05508 010 –
fla@usp.br

FRANCIROSY CAMPOS BARBOSA¹

ORCID
<https://orcid.org/0000-0003-0064-5995>

Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP, Brasil, 14040-901
– psicologia@ffclrp.usp.br

JOHN COWART DAWSEY¹

ORCID
<https://orcid.org/0000-0003-1427-7804>

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil, 05508 010 –
fla@usp.br

PAULA MORGADO DIAS LOPES

ORCID
<https://orcid.org/0000-0001-9117-4679>

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil, 05508 010 –
fla@usp.br

ROSE SATIKO G. HIKIJI³

ORCID
<https://orcid.org/0000-0001-5038-8435>

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil, 05508 010 –
fla@usp.br

1 Bolsista de produtividade do CNPq.

2 Pesquisadora associada do projeto temático “O musicar local - Novas trilhas para a etnomusicologia” (Fapesp 2016/05318-7).

3 Bolsista de produtividade do CNPq e pesquisadora principal do projeto temático “O musicar local - Novas trilhas para a etnomusicologia” (Fapesp 2016/05318-7).

ORCID
https://orcid.
org/0000-0001-
8299-6830

VI GRUNVALD²

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil, 91509-900 – depto-sifch@ufrgs.br

ORCID
https://orcid.
org/0000-0003-
2205-4512

YURI PRADO

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil, 05508 010 – fla@usp.br

ADMIRÁVEL MUNDO NOVO

Ao responder a uma questão sobre *fake news*, na roda de conversa publicada na seção T.E.R., nesta edição, Richard Schechner nos coloca no limiar de uma nova epistemologia, ao seu ver, ainda a ser formulada. E de um imperativo: precisamos aprender a nos relacionar com Gaia, o mundo em que vivemos. Trata-se da busca de um conhecimento sensível, corporificado, e de uma abertura para as múltiplas linguagens não apenas humanas, mas de todos os seres com quais habitamos.

A GIS compartilha dessa busca. Em gestos, imagens e sons, a GIS se interessa por formas de mobilizar os sentidos do corpo, friccionando e recriando os sentidos do mundo. Entre elas, as novas tecnologias.

O dossiê *Etnografias ao toque de tela – explorando métodos, éticas e conhecimentos antropológicos*, organizado por Andrea Barbosa, Angela Torresan, Antonia Gama e Tatiana Bacal, nasce de uma constatação: a onipresença dos smartphones na vida cotidiana de pesquisadores e seus interlocutores de pesquisa. Na apresentação do dossiê, as organizadoras consideram que esses dispositivos audiovisuais trazem consigo “uma epistemologia informada pela prática etnográfica”. Tais dispositivos constituem “meios tecnopoéticos da etnografia na era digital” (Bezerra, Daniele Borges). Suscitam processos colaborativos na produção de mídia indígena, promovendo a “indigenização do cinema” (Enk, Markus Schall; Halotesu, Milton Nambikuara; Tikuna, Myrian; e Top’Tiro, Newi). Em plena pandemia de COVID-19, promovem relações de reciprocidade e possibilitam a participação mútua de pesquisadoras/mães e interlocutoras em suas atividades cotidianas (Freitas, Mayara Achilei de; e Fina, Sabrina Deise). Enquanto dispositivos narrativos, sensibilizam, comunicam (Lemos Jr., Urbano). Em grupos de oração de mulheres evangélicas, propiciam experiências marcantes com a pastora, e com o sagrado (Mochel, Lorena). Em seu estudo, Michel de Oliveira problematiza a experiência da alteridade, e


o estranhamento do olhar do outro, na era da self. Diego Lucas Nunes de Souza chama atenção para a responsabilidade do investigador em relação aos participantes de sua pesquisa, tendo em vista efeitos imprevisíveis produzidos em paisagens digitais. Numa pesquisa com jovens migrantes do Gana, Laura Ogden realça o envolvimento corporal com dispositivos digitais. Como apontam esses estudos, esses dispositivos abrem novas possibilidades para a produção de saberes, expandindo perspectivas de pesquisa na antropologia. No uso desses “meios tecnopoéticos”, também se revela a ação e transformação dos corpos.

Ação é o princípio das coisas, é o ato criativo que coloca o mundo em movimento. Segundo Hannah Arendt, ela tem a natureza do milagre e do inesperado. Em uma “des-leitura” dos versos iniciais do Evangelho Segundo São João, no qual está escrito: “No princípio era o verbo”, *Fausto*, de Goethe, encontra a sua melhor tradução: “No princípio era a ação”. Embora estruturas sociais e simbólicas procurem atenuar os efeitos da ação, cuja natureza é romper todos os limites, elas jamais conseguem eliminar as consequências de sua imprevisibilidade. A ação é frágil, efêmera e, ao mesmo tempo, potencialmente poderosa, explosiva. Na ação criadora dos corpos, em movimentos sísmicos, se produz o saber.

No ensaio de Thiago Mendes e Eliany Cristina Ortiz Funari, escrito em homenagem a Luiz Antonio Nascimento Cardoso, Mestre Pinguim, Doutor de Notório Saber do Napedra (título simbólico), se revelam os movimentos dos corpos em um dos espaços mais significativos de produção do saber na Universidade de São Paulo: o Núcleo de Artes Afro-Brasileiras. Trata-se de um saber corporificado. “A presença de Mestre Pinguim na Universidade de São Paulo desencadeou talvez o maior enegrecimento epistemológico já visto nesta instituição”.

Estudando as procissões do catolicismo popular luso-brasileiro, notadamente da Semana Santa e, de modo mais particular, as procissões dos Passos, Léa Freitas Perez propõe uma gramatologia da festa que se funda na experiência do corpo. Passos de procissão se manifestam como passos de pesquisa. Uma experiência da escritura se revela na escritura de uma experiência corporificada. Na produção do saber, um corpo se produz.

Em sua resenha do livro *Sonâmbulo: anotações sobre um gesto na penumbra e as fotografias de André Leite Coelho* (na seção T.E.R.), chama atenção a experiência de Marcelo Schellini, o autor da resenha, junto ao autor do livro em suas andanças pelas ruas de São Paulo, iluminando alguns dos gestos fotográficos que deram origem ao próprio livro. Em instantes, cenas luminosas da cidade se configuram e desaparecem. Em foco, uma ontologia comum entre fotografia e cidade. A análise do projeto gráfico do livro – que busca “traduzir a percepção fragmentada da cidade” – desperta



interesse. Assim, a resenha nos leva a ver, nas fotografias de André Leite Coelho, “uma cidade familiar e que nunca deixa de ser estranha, um lugar que encontramos somente entre o sonho e a vigília”. Em andanças pelas ruas se conhece uma cidade.

Num artigo sobre a obra da antropóloga, bailarina e coreógrafa Katherine Dunham, Carolina de Paes Barros ressalta a importância do corpo e da dança como produtores e difusores de conhecimento. “Pesquisar dançando, dançar pesquisando.” Dos fundos do esquecimento, surgem saberes vitais, como os que se manifestam por meio do corpo invisibilizado de uma mulher negra dançarina e pesquisadora.

A música também pode surgir com a força de um corpo coletivo. No período que segue à independência de Cabo Verde, assiste-se à manifestação musical da *koladera*. Segundo o artigo de Gláucia Aparecida Nogueira e Djoy Amado, trata-se de uma explosão discográfica. Uma força indômita. Um gesto coletivo.

No artigo de João Henrique Amancio Gião e Suzel Ana Reily, observa-se o renascimento da Banda Dona Gabriela. Um renascer das cinzas de um espaço musical de lazer e sociabilidade, após a experiência de paralisia da pandemia de Covid-19. O saber musical tem poderes de cura.

Música é ação. No princípio era o verbo: musicar. Daí, a importância da tradução que consta da seção T.E.R., “Música e musicar: um prelúdio”, de Christopher Small, traduzido por Vítor Vieira Machado e Maria Eugenia Dominguez.

Num artigo escrito a quatro mãos, por Ana Lúcia Pastore Schrizmeyer, Ana Letícia de Fiori, Jânia Perla de Aquino e Bruna Angotti são discutidas algumas das interfaces entre antropologia, performance e direito. Em foco, num dos trechos do artigo, a produção de um saber jurídico. Na capa do livro de Schrizmeyer, citado pela autora, vem escrito:

Diante do morto, Tribunais de Júri procuram recriar um cosmos. Em busca dos fatos, irrompem narrativas. A partir do corpo de um morto, onde se detecta a possível cena de um crime, dramas são reencenados. Emoções são revividas. Evocam-se lembranças. Revelam-se conflitos e tensões não resolvidas. Imagens do passado articulam-se ao presente. Mobilizando os sentidos do corpo, Tribunais do Júri procuram recriar os sentidos do mundo.

Corpos insurgentes. Corpos se amotinam. No ensaio “Medea: performances, feminismos, trama entre eus e outras”, Luciana Lyra discute a sua

experiência como uma pesquisadora e “artista de f(r)icção”. Numa espécie de rito de passagem, em performance, o corpo da artista e sua persona, Medea, se f(r)iccionam. De forma explosiva, ambas se transformam. E um saber feminista, criando “linhas de sentido para existências móveis e fragmentadas nas tramas entre *eus* e *outras*”, se constitui.

No ensaio fotoetnográfico de Roberto Souza Junior e Marianna Andrade irrompem imagens das *Gaviãs* da Fiel, potencializando o protagonismo de torcedoras nas margens internas de um universo frequentemente visto como sendo de gênero masculino. Como histórias escritas com luz, imagens proliferam. Arredias, incendiam.

Saberes também são produzidos por corpos em transe. Em seu ensaio sobre sua experiência de quase uma década em performances de xamanismos urbanos, em grupos de classe média e média alta, Carolina de Camargo Abreu explora formas de narrar o transe ayahuasqueiro. Emergem em seu relato experiências de espanto, encantamento do mundo, e de um sobrenatural maravilhoso. Em momentos de incorporação de imagens supostamente extraordinárias, tais como a de um Velho Índio, quando imagens distantes se tornam próximas, ocorrem experiências de um corpo expandido: “eu já não era corpo, eu era tudo, o corpo era mundo”.

Num artigo sobre o filme *Noites alienígenas*, Ana Letícia de Fiori investiga um momento de inflação na obra de Juan José Saer, e de sua proposta de ficção como “antropologia especulativa”. Se no filme *Marte I*, sonhos de colonizar outros mundos transcendem a realidade de um menino na periferia de Belo Horizonte, *Noites Alienígenas* inverte a perspectiva, “investigando como formas contemporâneas de colonização (ou invasão) criam realidades alienígenas no próprio cotidiano da cidade de Rio Branco e de seus jovens”, em meio a uma guerra de facções e de um futuro incerto.

Em sua análise sobre o vídeo (ou “não-filme”) *As panteras do Lula*, na seção de artigos, Eliska Altmann mantém uma interlocução com Zel Júnior, seu criador. Explorando a ideia de “semântica da potência”, entendida como “um regime de enunciação a fugir da gramática estabelecida”, Altmann encontra nessa produção um modo não violento de reagir à violência. No vídeo de Zel Júnior, que se manifesta como parte de um movimento anti-violência, a raiva subverte qualquer ação passiva, e se manifesta, como diria Judith Butler, de um modo coletivo, “muito forte e muito ruidoso”.

O ensaio poético de Marcos Albuquerque também merece atenção. Invo-
cando a tradição do haikai, uma forma curta de poesia japonesa, Albuquer-
que explora o limite da palavra e do sentido, o lugar da descrição do outro
como método e episteme, e o status de contingência do saber no mundo.
Mobilizando procedimentos de montagem, envolvendo a justaposição de
imagens ou ideias, e inserções de palavras que cortam, o haikai produz
um saber. Na brincadeira ou gracejo (*hai*), uma experiência se realiza (*kai*).

Por meio da ação, arquivos e coleções também ganham vida, se deslocam
e se transformam. Produzem saber. Em seu artigo sobre a coleção etno-
gráfi ca de escravos africanos do extremo sul do Brasil, que se encontra
em Berlim, Ana Paula Lima Silveira participa desse movimento. Subvertendo
efeitos do colonialismo, em práticas dialógicas, procura reunir os objetos do
saber com as comunidades que os produziram. Trata-se de uma recusa de
pensar as coleções como “obras acabadas”, inserindo-as em relações que
lhe devolvam a vida.

O ensaio fotográfi co de Cyril Menta evoca um movimento semelhante,
revelando possibilidades que se abrem por meio de dispositivos digitais.
Arquivos e registros de manifestações culturais coletados pela Missão de
Pesquisas Folclóricas de Mário de Andrade, são repatriados digitalmente
para povos Pankararu que vivem em São Paulo.

De volta à roda de conversa que se encontra na seção T.E.R., nos vemos
diante de questões epistemológicas. Vivemos num período de grandes
mudanças. Estamos no limiar de um novo mundo, e, possivelmente,
de um novo paradigma, em busca de novas formas de produzir o saber.
Segundo Richard Schechner,

Vai depender dos mais jovens entre vocês, e dos seus fi lhos
e fi lhas, para entrar neste novo mundo. Será um *Admirável
mundo novo*, num sentido distópico? Será um “admirável
mundo novo”, no sentido de Miranda, d’*A tempestade*?⁴
Será o Admirável mundo novo de Aldous Huxley, ou o
“admirável mundo novo” de Miranda, ou será outro tipo de
mundo?

4 Na peça de William Shakespeare, *A tempestade*, uma das personagens, Miranda,
filha de Próspero, exclama: *O wonder! / How many goodly creatures are there here! / How
beauteous mankind is! O brave new world, / That has such people in’t!* (“Ó maravilha!
Que adoráveis criaturas aqui estão! / Como é belo o gênero humano! / Ó admirável mundo
novo, / que possui gente assim!” (William Shakespeare, “The tempest”, Act V, Scene 1. In:
Shakespeare, W. *The Oxford Shakespeare: the complete works*. Oxford / New York: Oxford
University Press, p. 1241). A visão distópica do futuro se encontra no livro de Aldous Huxley,
Admirável mundo novo.

Em meio à tempestade, a GIS também busca entrar neste novo mundo.

Em tempo, na seção “Achados na rede”, com efeitos de despertar, uma imagem insólita captada pelo fotógrafo Mohammed Salem, num telefone celular, na faixa sul de Gaza, da mulher palestina Inas Abu Maamar, de 36 anos, abraçando o corpo de sua sobrinha morta, Saly, de 5 anos, em um ataque aéreo israelense.

Sylvia Caiuby Novaes é antropóloga e Professora Titular no Departamento de Antropologia, USP. Coordenadora do Laboratório de Imagem e Som em Antropologia (LISA) e do Grupo de Antropologia Visual (GRAVI), suas pesquisas recentes centram-se na interface entre fotografias e trajetórias numa perspectiva antropológica. E-mail: scaiuby@usp.br

Andrea Barbosa é antropóloga, professora do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de São Paulo, coordena o Visurb – Grupo de Pesquisas Visuais e Urbanas e desenvolve pesquisas sobre memória, imagem e cidade. Foi Visiting Scholar junto a SAME – School of Anthropology & Museum Ethnography, Oxford University em 2015. E-mail: andrea.barbosa@unifesp.br

Edgar Teodoro da Cunha é professor do Departamento de Ciências Sociais da UNESP (Campus Araraquara). Coordenador do NAIP - Núcleo de Antropologia da Imagem e Performance. Foi Visiting Scholar na University of Oxford (2015). E-mail: edgarteodorocunha@gmail.com

Érica Giesbrecht é etnomusicóloga e, desde 2007, vem realizando pesquisas sobre música e dança, também explorando o potencial da etnografia a visual como meio de conhecimento e expressão. Foi professora visitante do Instituto Vilallobos da Unirio (2018-19) e Chair in Music Visiting Professor Fulbright no Departamento de Folclore e Etnomusicologia da Universidade de Indiana-Bloomington (2019). E-mail: egiesbrecht@gmail.com

Francirosy Campos Barbosa é antropóloga, Livre Docente no Departamento de Psicologia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, coordenadora do GRACIAS - Grupo de Antropologia em Contextos Islâmicos e Árabes, Membro do GRAVI – Grupo de Antropologia Visual, NAPEDRA – Núcleo de Antropologia, Performance e Drama, e CERNE – Centro de Estudos de Religiosidades Contemporâneas e das Culturas Negras. Foi Visiting Scholar na Oxford University em 2016. E-mail: francirosy@gmail.com


John Cowart Dawsey é professor de Antropologia na Universidade de São Paulo (USP), desde 1991. Professor Titular, 2007. Livre-Docência, 1999. Ph.D. em Antropologia, 1989, e Mestre em Teologia, 1977, pela Emory University. Bacharel em História, 1973, pela Florida Southern. Visiting Scholar na New York University (NYU), 2019. Coordenador do Núcleo de Antropologia, Performance e Drama (Napedra) desde a sua fundação em 2001. E-mail: johndaws@usp.br

Paula Morgado Dias Lopes é Doutora em Antropologia pela Universidade de São Paulo, com pós-doutorado em antropologia visual na Université Laval. Trabalhou no Laboratório de Imagem e Som em Antropologia desde a sua criação por 30 anos e é membro do Grupo de Antropologia Visual. Suas pesquisas abordam como os povos indígenas se apropriam do cinema e da internet, além de trabalhos no campo da arquivologia. E-mail: paulamdl@gmail.com

Rose Satiko G. Hikiji é professora associada do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Coordenadora do PAM - Pesquisas em Antropologia Musical, vice-coordenadora do GRAVI e membro do NAPERDA. Suas pesquisas e filmes etnográficos abordam a música e arte de moradores da periferia paulistana e de africanos recém-chegados a São Paulo. E-mail: satiko@usp.br

Vi Grunvald é professora de Antropologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e coordenadora do Núcleo de Antropologia Visual (Navisual-UFRGS) e do Grupo de Reconhecimento de Universos Artísticos/Audiovisuais (GRUA-UFRJ). Com formação em cinema, realiza experimentações com a imaginação etnográfica e trabalha com arte, imagem, performance e marcadores sociais da diferença. E-mail: vgrunvald@gmail.com

Yuri Prado é pós-doutorando em Antropologia Social na FFLCH-USP, tendo realizado estágio de pesquisa na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), em Paris. Formado em Música (Composição) pela ECA-USP, possui Doutorado Direto pela mesma instituição, com estágio de pesquisa em etnomusicologia na Université Paris VIII. É membro do grupo de pesquisa PAM (Pesquisas em Antropologia Musical) e foi pesquisador associado ao projeto temático O musicar local: novas trilhas para a etnomusicologia, financiado pela FAPESP. Como arranjador e compositor, foi vencedor do I Concurso de Composição da Orquestra de Câmara da USP



(2010), do XIX Prêmio Nascente-USP (2011), e do I Concurso de Composição da Orquestra Jazz Sinfônica (2015). Como documentarista, produziu os filmes *Um passo para vencer* (2020), *Dois Irmãos* (2021), *Open Gasy* (2023) e *Djazz* (2024). E-mail: yuripradobs@gmail.com

Licença de uso. Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.